

## *Díssoi Lógoi*<sup>1</sup>

### I

#### **Sobre o Bem e o Mal**

(1) *Díssoi Lógoi* são pronunciados na Grécia por aqueles que filosofam sobre o bem e o mal; pois dizem que uma coisa é o bem e outra é o mal; outros dizem que é a mesma coisa que, para uns, seria um bem e, para outros, um mal e, para o mesmo homem, às vezes um bem, às vezes um mal. (2) Quanto a mim, me posiciono como os últimos. Eu examinarei essas opiniões partindo da vida humana, atendo-me à comida, à bebida e aos prazeres do amor; pois essas coisas são, para o enfermo, um mal e, para quem está saudável necessita delas, um bem. (3) E a intemperança com relação a elas, para os intemperantes é um mal, mas para os comerciantes e para os que obtêm algum proveito com elas é um bem. A doença, para os doentes, é um mal mas para os médicos, um bem. A morte, para os que morrem, é um mal mas, para as empresas funerárias e para os coveiros, um bem. (4) Na agricultura, obter uma boa colheita, para os agricultores, é um bem mas para os comerciantes, um mal. Que os navios mercantes colidam e naufraguem, para o capitão de navios, é um mal mas, para os estaleiros navais, um bem. (5) Ainda, que o ferro seja corroído pela ferrugem, enfraquecendo e gastando-se é para os outros um mal mas, para o ferreiro, um bem. Que as cerâmicas se quebrem, para outros, é um mal mas, para o ceramista, um bem. Que os sapatos se tornem gastos e se rasguem é, para os outros, um mal mas, para os sapateiros, um bem. (6) O mesmo ocorre nas competições atléticas, artísticas e bélicas. Por exemplo, nas corridas que se disputam no estádio, a vitória é, para o vencedor, um bem mas, para o vencidos, um mal. (7) Do mesmo modo quanto aos lutadores, pugilistas e todos os outros artistas; por exemplo, [a vitória] pelo canto acompanhado da cítara, para o vencedor, é um bem mas, para os vencidos, um mal. (8) Na guerra (eu falarei primeiro dos acontecimentos mais recentes), a vitória dos Lacedêmonios sobre os Atenienses e seus aliados, para os Lacedêmonios, é um bem mas, para os atenienses e seus aliados, um mal; e a vitória que dos Gregos sobre os persas, para os Gregos, é um bem mas, para os Bárbaros, um mal. (9) A tomada de Tróia, para os Aqueus, é um bem mas, para os Troianos, um mal. Do mesmo modo o que aconteceu com os Tebanos e com os Argivos. (10) Também o combate entre os Centauros e os Lápitais, para os Lápitais, é um bem mas, para os Centauros, um mal. Também, no dito combate entre Deuses e Gigantes, a vitória, para os Deuses, é um bem mas, para os gigantes, um mal.

(11) Um outro discurso é mencionado, que uma coisa seria o bem e outra o mal, sendo diferentes

---

<sup>1</sup> Tradução parcial, a partir das traduções Espanhola, Francesa, Italiana e Inglesa, realizada por Giovânio Aguiar. Revisão, em comparação com o texto grego, realizada por Marcelo P. Marques.

tanto com relação ao nome, quanto com relação à coisa. Quanto a mim, exponho esta questão do seguinte modo: me parece que não é evidente o que é o bem e o que é o mal, se são o mesmo e não diferentes. Isso certamente seria espantoso. (12) Quem diz tais coisas, creio que não conseguiria responder se alguém o perguntasse: 'diga-me, seus familiares já lhe fizeram algum bem?' "Muitos e grandes", responderia. 'Você, então, deve-lhes muitos e grandes males, se o mesmo são o bem e o mal. (13) E você, já fez algum bem para seus familiares?' "Muitos e grandes". 'Da mesma forma, fizeste-lhes um mal'. E ainda: 'você causou algum mal a seus inimigos?' "Muitos e grandes". Então fizeste-lhes os maiores bens.' (14) Escuta-me e responda-me: 'Não é certo que tenha compaixão dos pobres porque suportam muitos males, ao passo que os considera felizes por desfrutar de muitos bens, se é que o bem e o mal são o mesmo?' (15) Nada impede que o Grande Rei se encontre na mesma situação que os pobres; pois os muitos e grandes bens são para ele muitos e grandes males, se é que o bem e o mal são o mesmo. E diga-se o mesmo a respeito de todas as outras coisas. (16) Passo agora aos casos particulares, começando pelo comer, o beber e o prazer do amor. Pois, fazer essas coisas é, para os doentes, um mal e, ao contrário, um bem para os mesmos, se é que o mesmo é o bem e o mal. Para os doentes, sofrer uma doença, é um mal e um bem, se o mesmo é o bem e o mal. (17) O mesmo serve para todos outros casos mencionados nos argumentos precedentes. E não digo o que é o bem, mas tento ensinar que o mal e o bem não são o mesmo, mas um e outro são diferentes.

## II

### *Sobre o Belo e o Feio*

(1) *Díssoi Lógoi* são pronunciados também a cerca do belo e do feio. Alguns dizem que uma coisa é o belo e outra é o feio, sendo diferentes tanto com relação ao nome, quanto com relação à coisa. Outros dizem que o mesmo é o belo e o feio. (2) quanto a mim, exponho esta questão do seguinte modo: para um rapaz na flor da idade, agradar a um amante, é belo mas, agradar aquele que não é seu amante, é feio. (3) Quanto às mulheres banhar-se em casa é belo mas, na palestra, é feio, (mas para os homens, banhar-se na palestra no ginásio, é belo). (4) Ter relações sexuais com um homem reservadamente; oculto pelas paredes, é belo mas, fora onde qualquer um pode ver, é feio. (5) E ainda, ter relações sexuais com o próprio marido é belo, mas com um outro homem é muito feio; e para o homem ter relações sexuais com sua própria mulher é belo, mas com outra é feio. (6) Enfeitar-se, maquiar-se e vestir-se com jóias, para o homem, é feio mas, para a mulher, é belo. (7) Fazer o bem aos amigos é belo, mas aos inimigos é feio. Fugir dos seus inimigos é feio, mas fazê-la diante de seus concorrentes no estádio é belo. (8) Matar a seus amigos e concidadãos é feio, mas [matar] os inimigos é belo. E da mesma forma com todas as outras coisas. (9) Passo agora ao que as cidades e povos têm por feio. Por exemplo, para os Lacedemônios, que as jovens façam

ginástica com os braços descobertos e apareçam em público sem túnica, é belo, mas para os Jônicos é feio. (10) Para aqueles [os Lacedêmônios] que as crianças não aprendam nem música nem gramática é belo, ao passo que, para os Jônicos é feio não conhecer todas essas coisas. (11) Para os Tessalônicos é belo capturar os cavalos e as mulas do meio de seu bando para domá-las e da mesma forma capturar seu próprio gado para os abater, tirar seu couro e cortá-las em pedaços; por outro lado, na Cecília isso é feio e considerado como obra de escravos. (12) Para os Macedônios parece-lhes belo que as mulheres, antes de casarem, amem a um homem e tenham relações sexuais com ele, mas depois de estarem casadas é feio. Para os Gregos as duas atitudes são feias. (13) Para os Trácios a tatuagem nas mulheres é um adorno; para os outros são marcas infames reservadas aos culpados. Os Citas consideram belo quando se mata um homem cortar-lhe a cabeça, levá-la pelos cabelos diante do cavalo e, adornando o crânio com ouro e prata, nele beber e realizar libações aos deuses; por outro lado, entre os Gregos ninguém gostaria de entrar na mesma casa de quem fez tais coisas. (14) Os Masagetas esquarteram seus pais e os comem acreditando que é uma belíssima tumba ser enterrados em sus próprios filhos; mas na Grécia, quem fizer essas coisas é expulso e condenado a uma morte miserável por ter feito coisas feias e terríveis. (15) Os persas consideram belo que os homens se maquiem como as mulheres e que tenham relações sexuais com sua filha, sua mãe e irmãs, mas os Gregos consideram estes atos feios e ilegais. (16) Para Lídios parece-lhes belo que as mulheres se prostituam para conseguir dinheiro e se casar; ao contrário, entre os Gregos ninguém casaria com tais mulheres. (17) Os Egípcios não consideram belos os mesmos costumes dos demais povos; em nosso país é belo que as mulheres teçam e trabalhem a lã; por outro lado, para os Egípcios isso são os homens [que fazem], enquanto as mulheres fazem o que aqui fazem os homens. Amassar a argila com as mãos e o trigo com os pés é para eles belo, enquanto que para nós é o contrário. (18) Penso que, se ordenássemos a todos os homens que reunissem o que é considerado por cada um como feio e, ao contrário, extrair dessa reunião o que cada um considera belo, nada seria deixado de lado, mas todos dividiriam entre si todas as coisas; porque nem todos os homens consideram o mesmo [o belo e o feio]. (19) Citarei um poema:

*Análise e verás que: há uma outra lei para os mortais; Nada é totalmente belo nem [totalmente] feio,*

*Mas, o momento oportuno, tomando as mesmas coisas,*

*As torna feias e alterando-as as torna belas.<sup>2</sup>*

(20) Em resumo, Tudo é belo em seu momento oportuno e feio no momento inoportuno. O que se conclui disso? Eu disse que demonstraria a identidade do belo e do feio, e o demonstrei com

---

<sup>2</sup> Segundo Diels este verso pode ser de Eurípedes. Ver DK – p.409.

tudo o que disse até aqui.

(21) Acerca do feio e do belo se diz também que um e outro são distintos; pois se alguém pergunta àqueles que afirmam que a mesma ação é bela e feia, se alguma vez fizeram uma bela ação, eles teriam que admitir que também fizeram uma ação feia, já que segundo eles o belo e o feio são o mesmo. (22) E se conhecem a um homem belo o mesmo é, também, feio; e se conhecem um [homem] branco esse mesmo é também negro. E belo honrar aos deuses e por sua vez é feio honrar aos deuses, se o mesmo o feio e o belo. (23) Diga-se o mesmo de todas as demais coisas. Voltemos ao argumento deles que diz: (24) se é belo que a mulher se maquie, também é feio que a mulher se maquie, se é o mesmo o feio e o belo. E o mesmo ocorre com as outras coisas. (25) Em Esparta é belo que as jovens façam ginástica; e o mesmo ocorre com as outras coisas. (26) Dizem que se recolhesse dentre os povos os costumes feios e, convidando alguém, lhe ordenasse separar os que ele considera como belos, todos seriam considerados belos. Eu me espanto, pois o que é feio, tendo sido reunido, será belo e não como era antes. (27) Se tivéssemos levado conosco ou cavalos, ou bois, ou ovelhas ou homens, não teríamos retirado nenhum outro animal. Nem traríamos bronze se levássemos ouro, nem prata se levássemos chumbo. (28) Portanto, em troca de coisas feias tomaram coisas belas? Mas vejamos: se alguém trouxesse um homem feio, poderia, por sua vez, levar um belo? Eles trazem como testemunhas os poetas, que fazem seus poemas tendo em vista o prazer e não a verdade.

### III

#### **Sobre o Justo e o Injusto**

(1) *Díssoi Lógoi* são pronunciados também a cerca do justo e do injusto. Alguns dizem que uma coisa é o justo e outra é o injusto. Outros, dizem que a mesma coisa é justa e injusta. De minha parte, eu tentarei defender esta última posição. (2) Em primeiro lugar, direi que mentir e enganar é justo: alguém poderia dizer que, fazer isso aos inimigos, é belo e justo, mas fazê-lo aos amigos é feio e mau. Porque aos inimigos sim e aos amigos não? Por exemplo, aos pais: se for necessário que o pai ou a mãe tome um remédio e não queira, acaso não seria justo dá-lo no meio da comida ou da bebida sem dizer-lhes que se encontra ali? (3) Assim, pois, é justo mentir e enganar aos pais. E roubar as coisas dos amigos e fazer violência aos mais queridos é justo. (4) Por exemplo, se algum de nossos familiares triste e afligido por algum motivo, estiver a ponto de suicidar-se com uma espada, corda ou algum outro meio, não seria justo roubar-lhe essas coisas se for possível? , E no caso de chegar tarde e surpreendê-lo já com essas coisas, não seria justo tirá-las a força? (5) Como não é justo transformar os inimigos em escravos, se é possível, tomar toda uma cidade e vendê-la? Parece justo assaltar os edifícios públicos rompendo suas paredes. Com efeito, se nosso pai, vítima

de uma facção inimiga, estiver preso com perigo de morte, não será justo assaltar rompendo as paredes e salvar o pai? (6) E o perjúrio: se alguém caísse em mãos inimigas e jurasse trair sua cidade em caso de recobrar sua liberdade, seria justo cumprir tal juramento? (7) De minha parte, eu não acredito; é preferível cometer perjúrio e salvar a sua cidade, seus amigos e os santuários de seus ancestrais. Portanto, é justo tanto o perjúrio quanto o sacrilégio. (8) Deixo de lado os assuntos privados das cidades. Quanto aos assuntos públicos da Hélade, acaso não foi justo tomar e utilizar as riquezas de Delfos e de Olímpia para a guerra, quando o bárbaro estava a ponto de tomar a Hélade, e a salvação estava na riqueza? (9) É justo matar aos mais queridos, como no caso de Orestes de Alcmeón; visto que o deus aprovou tal ação como sendo justa. (10) Passo agora ao que se refere às técnicas e as obras dos poetas, pois nas tragédias e pinturas aquele que mais engana fabricando coisas semelhantes às verdadeiras é o melhor. (11) E quero recorrer, também, ao testemunho dos poemas mais antigos, de Cleobunlina, poetisa lírica do século VI a.C.:

*Eu vi um homem enganar e roubar com violência  
e fazer isto com violência era uma ação muito justa.*

(12) Estes versos são antigos. Então, eis aqui alguns de Ésquilo:

*Deus não se afasta de um justo engano,  
Deus respeita os momentos oportunos para a mentira.*

(13) Defende-se também um discurso contrário a esse. Afirma-se que uma coisa é o justo e outra o injusto, sendo diferentes tanto com relação ao nome, quanto com relação à coisa. Pois, se alguém perguntar a quem diz que o mesmo é o injusto e o justo, se este fez alguma ação justa a seus pais, concordaria, portanto, que também fizera alguma ação injusta, pois ele reconhece que o justo e o injusto são o mesmo. (14) Vejamos outro caso: se conhecesse algum homem justo, ele, também, seria injusto; e pela mesma razão, se ele é pequeno ele, também, é grande. E se alguém disser: "quem cometeu muitas ações injustas, que seja condenado à morte", que seja, também, condenado à morte por ter feito muitas ações justas. (15) Com respeito a isso já é o suficiente. Retorno aos que acreditam demonstrar [suas posições] dizendo que o mesmo é o justo e o injusto. (16) Com efeito, demonstram que roubar os bens dos inimigos é justo, e que essa mesma ação é também injusto, no caso de estarem corretas suas posições; e sendo o mesmo com as outras coisas. (17) Recorremos às artes, nas quais não se trata do justo nem do injusto. E os poetas fazem seus poemas não tendo em vista a verdade, mas os prazeres dos homens.

## IV

### Sobre o verdadeiro e o falso

(1) A cerca do falso e do verdadeiro são pronunciados também *Díssoi Lógoi*; dos quais um afirma que um é o discurso falso e outro é o verdadeiro; o segundo afirma, ao contrário, que eles são o mesmo. (2) Eu sustento este último. Primeiramente, porque se expressam com as mesmas palavras. Em seguida, quando se produz o discurso, se tal como diz o discurso [as coisas] vem a ser, este é verdadeiro; e se não, este mesmo discurso é falso. (3) Por exemplo, se alguém é acusado de sacrilégio; se o fato ocorreu, o discurso é verdadeiro, caso contrário, falso. O mesmo discurso vale para o defensor. E os tribunais julgam o mesmo discurso tanto falso como verdadeiro. (4) Em seguida, estando sentados em fila, dissermos 'eu sou iniciado', todos diremos o mesmo, mas somente eu digo a verdade, pois eu o sou. (5) É evidente que o mesmo discurso é falso, quando nele está presente o falso, e verdadeiro quando nele está presente o verdadeiro (do mesmo modo que um mesmo [ser] é homem mesmo sendo criança, jovem, adulto ou velho).

(6) E dito também que um é o discurso falso e outro o verdadeiro, sendo diferentes tanto com relação ao nome, quanto com relação à coisa. Pois, os que dizem que o mesmo discurso é verdadeiro e falso, se alguém lhes perguntar qual dos dois é o seu próprio discurso, e eles responderem que é falso, está claro que há dois discursos diferentes; se responderem que é verdadeiro este mesmo discurso também é falso. E se alguém disse ou expressou testemunhos verdadeiros, seriam esses mesmos falsos; e se alguém conhece um homem veraz, ele é, também, mentiroso. (7) A partir do argumento dizem isto: se o fato aconteceu, o discurso é verdadeiro e, se não aconteceu, é falso. Então, nesses casos não é com relação ao nome que há diferença, mas com relação à coisa. (8) Se alguém pergunta aos juízes sobre o que julgam (pois, eles não presenciaram os fatos), (9) eles concordam também que é falso aquele [o discurso] no qual se mistura o falso e verdadeiro aquele [o discurso] no qual se mistura o verdadeiro. Isso faz uma total diferença.

\* *Autor Anônimo. Díssoi Lógoi. Trad. parcial: Giovânio Aguiar.*